

A FIGURA DO NORDESTINO EM *DESERDADOS*, DE CARLOS DE VASCONCELOS E EM *CERTOS CAMINHOS DO MUNDO*, DE ABGUAR BASTOS.

Prhyscilla Ferreira Rodrigues (UFPA)

Marli Furtado (UFPA)

RESUMO: A seguinte pesquisa tem como objetivo analisar a figura do nordestino migrante em terras Amazônicas no período da borracha nos romances de Carlos de Vasconcelos (*Deserdados*) e Abguar Bastos (*Certos Caminhos do Mundo*). Ao estudar os dois romances foi possível observar que os dois autores trabalharam a imagem desse homem de forma clara, crua e objetiva, tratando desde os planos dos mesmos em mudar de vida até a chegada destes na Amazônia, dando início a vida sofrida e a quebra de sonhos que foram traçados visando a mudança de vida através da ascensão da economia do látex. Tem-se como objetivo mostrar como os dois romancistas trataram este tema através de experiências, estudos, entre outros pontos que ajudaram a enriquecer e detalhar de forma realista as duas obras. Assim como Carlos de Vasconcelos e Abguar Bastos, outros autores se aventuraram na chamada “literatura amazônica”, como Jose Veríssimo (um dos pioneiros com relação a este tema) e Rodolfo Teófilo (também conhecido pela sua clareza em relatar uma Amazônia que fora ilusória para muitos), entre outros romancistas que enriqueceram o campo literário onde, mesmo sem o reconhecimento merecido, fizeram das obras amazônicas partes indispensáveis para o estudo cultural, social e geográfico da região norte e, sem dúvidas, do país.

Palavras-chave: Amazônia. Nordestino. Borracha. Romance.

Durante o período econômico e social da borracha na Amazônia, alguns autores trataram em suas obras sobre alguns pontos que fizeram parte dessa época, entre eles a questão da migração nordestina para aquela área. Historicamente referida como uma “terra sem homens para homens sem terra”, a região amazônica foi a inspiração perfeita para alguns romancistas que, através do momento de ascensão econômico referente ao látex, registraram em suas obras o modo como esse homem nordestino viveu em terras até então desconhecidas.

O carioca Euclides da Cunha publicou, em 1909, uma reunião de ensaios sobre a Amazônia em sua obra intitulada *A margem da história*. O livro contém quatro partes; ensaios sobre a região amazônica (“Na Amazônia, terra sem história”), estudos americanos e afins (“Vários Estudos”), ensaios históricos (“Da Independência à República”) e crônicas (“Estrelas Indecifráveis”).

Logo no começo da obra, mais precisamente na parte referente aos ensaios sobre a região, o autor cita como ocorre a ida do migrante nordestino (ênfase no cearense) para a Amazônia:

“No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, num "gaiola" qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Aditem-se cêrca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um refle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no "barracão" senhoril, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um "brabo", isto é, ainda não aprendeu o "corte da madeira" e já deve 1:135\$000. Segue para o pôsto solitário encaçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 paneiros de farinha de água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de xarque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cêrca de 750\$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o "brabo" canhestro, de quem chasqueia o "manso" experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000.” (CUNHA, 1909. P. 12)

O autor cita todos os gastos que o nordestino irá ter antes mesmo de começar a trabalhar nos seringais, fato este que dava início a vida sofrida no chamado “inferno verde” por muitos daqueles homens. Uma dívida que se tornava maior a medida que o nordestino ia trabalhando, adentrando os anos e se transformando em uma espécie de escravidão, onde aquele homem jamais conseguiria pagar aquelas despesas, se vendo preso a terra.

Posterior a Euclides da Cunha e tomando como base para sua obra o ambiente amazônico, Carlos de Vasconcelos publica, em 1922, o livro intitulado *Deserdados*.

Seguindo a linha amazônica de seu antecessor, Carlos de Vasconcelos tratou, em sua produção literária, sobre a relação de poder entre os “grandes” e os “pequenos” nas terras amazônicas, isto é, os trabalhadores migrantes na Amazônia e os donos dos seringais, aviadores etc. Pequenos proprietários, mulheres e outros também são inseridos na categoria de “pequenos” na obra de Carlos de Vasconcelos, assim como seringalistas e empresários da borracha também estão incluídos entre os “grandes”.

A figura do migrante nordestino não é só presente na obra como também ganha uma ênfase, relatando a vida sofrida daquele homem por conta do ambiente desconhecido, do trabalho pesado e, conseqüentemente, da vida injusta. Entretanto, o sofrimento desse migrante começava bem antes da sua chegada naquelas terras. A seca e a fome que arrasavam a região nordestina faziam com que aquele homem sonhasse com uma vida melhor, logo surgiu, naquele período, uma boa alternativa para a sua melhoria: a ascensão da economia referente à borracha. Sozinhos ou com a família, eles partiam rumo a terras amazônicas, sem saber que suas vidas já estavam sendo tratadas semelhante a mercadorias, como o autor enfatiza no trecho a seguir:

“Os migrantes (sic) sobreviventes, idos buscar no Ceará, ficam como refém para o pagamento integral de tudo e, escravos, sem outra prerrogativa que a de obedecerem, são quanto antes empilhados em batelões e distribuídos pela vastidão do seringal, para a infatigabilidade do preparo já tardio da borracha. Outras levam vão, com os comboios de muares, pelas tortuosidades dos caminhos de penetração, aos remotos centros da propriedade, isolados entre si de muitas léguas, a labuta terrível da indústria extrativa contra as hostilidades mesológicas.”
(VASCONCELOS, 1921, p. 37)

A partir daquele momento, aquele homem tinha a certeza de que a possibilidade de uma vida melhor em terras amazônicas era, na verdade, a mais pura ilusão existente. Entretanto, ainda que tratado como escravo e vendo, muitas vezes, a floresta e o seringal em si como um verdadeiro cativo, o nordestino ainda conseguia encontrar esperança. Teodozio, uma das personagens que aparece no decorrer da obra, é retratada pelo autor como um cearense “escravo da laia dos que se dispersavam [...]” (VASCONCELOS, 1922, p. 42), porém, ainda com a vida em condições precárias por conta do negócio da borracha, ele mantinha o sonho de uma melhoria nas “[...] promessas de um futuro mais

feliz e ridente” (VASCONCELOS, 1922, p. 44). Todavia nem todos compartilham desse mesmo sentimento esperançoso na obra e, na maioria das vezes, chegam cedo a conclusão de que a Amazônia é uma terra ilusória de riquezas cujas quais os cearenses sonharam em ter. Pior do que isso: os próprios nordestinos são tratados como uma das tantas mercadorias que serão usadas para benefício dos “grandes”, visando exclusivamente o lucro em cima da borracha:

“Mas, ainda sim, não o fizera por caridade, nem por favor, e sim pelas vantagens que antevira naquele rapagão cheio de saúde, livre e desimpedido [...]. Os bons músculos eram-lhe o melhor paládio para a garantia do intuito que trazia e, de certo, como uma centena de homens daquele feitio, ele iria além da expectativa [...]”(VASCONCELOS, 1922, p. 62)

A produção em massa, afim de suprir as necessidades abundantes impostas pelos “superiores” e a ganancia dos mesmos transformou a vida do nordestino. O mesmo, que antes havia ido para fugir dos sofrimentos da sua terra, no fim das contas se vê aprisionado e oprimido não só em um ambiente desconhecido como também por pessoas que visam unicamente o lucro e a ascensão dos negócios da borracha, o que deixa aquele homem preso à terra amazônica, não só por conta da dívida absurda que acabou adquirindo como também pelo fato de aceitar que, a partir daquele momento, aquele também seria o seu espaço.

Carlos de Vasconcelos enfatizou essa relação de aceitação do nordestino com a terra amazônica por conta da área que hoje é conhecida como Acre. Até antes de 1903, as terras acreanas pertenciam à Bolívia, porém, por conta da expansão dos negócios da borracha, muitos nordestinos que já se encontravam na Amazônia acabaram por adentrar aquele espaço, o que não tardou a gerar diversos conflitos entre os bolivianos e os seringueiros que ali já se encontravam. Posterior a isso, especificamente depois da assinatura do *Tratado de Petrópolis* por Barão do Rio Branco e Assis Brasil (assinado em 17 de novembro de 1903 e aprovado em lei federal em 25 de fevereiro de 1904), o Acre passou a pertencer ao Brasil e sua área foi ocupada, definitivamente, por aqueles homens, o que o autor fez questão de referir em seu romance:

“[...] logo as impávidas ‘bandeiras’ se afoitavam por seus muitos tributários e, à custa de provações estremes, iam

penetrando a floresta virgem e dela se apossando com o intuito claro que firma o direito de propriedade. À sua passagem deixavam assinaladas nos grandes madeiros as suas iniciais, tal como os descobridores do século XV iam fincando os escudos no ermo, em nome das coroas de que eram súditos leais.” (VASCONCELOS, 1922, p. 92)

Em seguida, depois da conquista, os cearenses já instalados ali puderam não só explorar as terras e suas “riquezas” existentes (tratando-se das seringueiras) como também firmar permanências na área, reconhecendo a luta que tiveram pela mesma e a ligação presente com “a área por eles desejada como própria” (VASCONCELOS, 1922, p. 91).

Não foi somente Carlos de Vasconcelos que enfatizou a vida do nordestino na Amazônia. O paraense Abguar Bastos, por meio do romance *Certos Caminhos do Mundo*, publicado em 1935, também falou de forma clara e objetiva sobre o homem que migrou para terras desconhecidas afim de buscar melhorias. A história da obra ocorre em torno da personagem Solón, filho de um coronel falecido que herda o navio chamado *República* e nele percorre, através dos rios, o vasto território amazônico. Personagens paralelos referente a migração nordestina para a Amazônia por conta da economia da borracha surgem no decorrer do romance, alguns entre citações rápidas (os cearenses) e outros com destaques consideráveis (o soldado cearense aposentado chamado Porfiro Jataí – ou Espagão, como gosta e pede para ser chamado – que passa sua velhice no Acre). Entre essas breves citações está, já em terras acreanas (o Acre é a área amazônica que mais aparece relacionada com o migrante vindo do Nordeste nesta obra), os nordestinos “que transpunham as suas inacreditáveis fronteiras [...], homens de cor branca, sujos, magros, um pouco ferozes. Vinham do Brasil e se diziam filhos de uma (sic) terra muito longe que se chamava Ceará” (BASTOS, 1935, p. 44). A relação do cearense com as terras já se enfatiza logo no começo da obra, o que mostra ao leitor a forma com que o autor irá trabalhar esse ponto no decorrer do romance, tendo em vista que a figura daquele migrante é tão marcante quanto as outras que Abguar Bastos também tratou em *Certos Caminhos do Mundo* (mulher, drogas etc), porém com destaque ao nordestino por conta deste artigo.

O modo como esse nordestino resistiu as dificuldades mostra, de certa forma, uma espécie de fixação pela terra que aquele homem adquiriu devido ao seu trabalho e

as terríveis lembranças da seca nordestina. “No deserto só o cactus não morria. No Acre só o cearense resistia às maldades do tempo. Ele era o cactus do Acre.” (BASTOS, 1935, p. 54) O cactus do Acre e, de certa forma, da Amazônia inteira, foi aquele homem que resistiu a todos os pontos negativos que acometeu a sua vida: a viagem longa do Nordeste até a Amazônia, as ganâncias dos seringalistas e empresários da borracha, os perigos da floresta, os conflitos, entre outros pontos que tornaram a vida do mesmo difícil e padecida, porém sem lhe tirar a vontade de pleitear. Em alguns pontos da obra esse homem nordestino possui tal feitio: resistir diante das tantas dificuldades impostas em sua vida miserável na Amazônia. E foi no Acre (ainda pertencente a Bolívia naquele período) que ele viu tal “oportunidade” de resistência:

“[...] Com as suas florestas desgrenhadas e as suas sombras lascivas, preferia entregar-se ao estrangeiro que vinha do Brasil com o cheiro do mar nas carnes rijas. Cada vez chegava mais gente do Ceará. A terra ali estava inacessível e áspera. Os rios passavam velozes procurando seu leito. Os cearenses também. E a terra parecia mais mansa.” (BASTOS, 1935, p. 47)”

E, quando por fim o cearense se instalou em terras acreanas, sentiu que a mesma lhe “recebeu”. Porém, como se não bastasse todas as outras dificuldades, aquele homem migrante também enfrentou a fúria do boliviano que “Pouco a pouco [...] foi sentindo o desamor das plagas adúlteras [...]” (BASTOS, 1935, p. 47), neste trecho claramente mostrando uma ideia de traição para com os antigos habitantes. Entretanto a fúria dos bolivianos não conseguiu afastar os então “novos donos” daquelas áreas, enfatizado por Abguar Bastos como uma demonstração clara de encontro entre “homem e terra” e a vontade do nordestino de permanecer ali, tratando o Acre como uma espécie de “compensação”.

Apesar da diferença temporal que separa Carlos de Vasconcelos de Abguar Bastos, os dois autores fizeram uma grandiosa contribuição para a prosa literária não somente no âmbito amazônico como na literatura brasileira como um todo. Os dois romancistas salientaram a vida do nordestino na Amazônia de forma clara e objetiva, mostrando desde o momento em que a esperança rondou a vida desses homens até o instante onde os mesmos se depararam com a ganância relativa ao processo rápido de enriquecimento proveniente da economia da borracha no Brasil.

Os dois romances estudados deste artigo fazem parte de um conjunto de obras que compõe a linha amazônica trabalhada na literatura brasileira. Assim como *Deserdados* (1922) e *Certos Caminhos do Mundo* (1935), outras obras são incluídas por terem tratado da Amazônia neste período econômico e social, como *Cenas da Vida Amazônica* (1886) de José Veríssimo, onde o autor fez uma junção de alguns esboços que mostram ao leitor determinados momentos vividos na Amazônia. Entre esses esboços estão dois intitulados, respectivamente, “Indo para a e seringa” e “Voltando para a seringa”, que contam a história de uma família que parte para os seringais amazônicos com esperanças e vontades, mas que volta depois de alguns anos totalmente devastada oriunda de uma ilusão que nasceu graças ao momento positivo da economia da borracha. Posterior a Veríssimo tem-se a obra de Rodolfo Teófilo (baiano que se radicalizou cearense) intitulada *Paroada*, publicada em 1899, que conta a trajetória do cearense João das Neves que, assim como muitos, se deixou levar pelo sonho de mudança que nasceu devido a ascensão da economia do látex. Deixando mulher e filhos para trás, ele parte rumo a Amazônia, mas ali perceber que foi mais uma das tantas vítimas da ilusão do chamado “ouro branco”. Volta para o Ceará completamente devastado pela malária (uma das tantas doenças que assombrava os migrantes nas matas amazônicas) e desgostoso por conta do sonho que não se realizou.

Se analisada a importância das obras de Carlos de Vasconcelos e Abguar Bastos, onde o período do ciclo da borracha na Amazônia e a migração de nordestinos para essa terra seja um assunto de destaque em suas produções literárias, tal questão pertence a uma “temática” não tão valorizada, porém alguns fatores nos permitem analisar os principais destaques e concluir que os dois autores, juntamente com os outros citados (José Veríssimo, Rodolfo Teófilo e outros que também possuem suas contribuições), convidaram (e convidam até os dias atuais) os mais variados leitores a adentrarem em uma Amazônia que encantava e, ao mesmo tempo, assustava, ainda que infelizmente as mesmas não tenham conseguido obter o merecido reconhecimento, tendo em vista que o valor documental dos romances é algo completamente inegável pelos aspectos, linguagens, histórias, trajetórias e culturas, que vão do “simples registro de costumes locais à aberta opção de crítica e engajamento que as condições da área exigem” (BOSI, 2013, p. 455.).

Referências

BASTOS, Abguar. **Certos Caminhos do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Hersen. 1935

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix. 2013.

JÚNIOR, Geraldo Mesquita. **O Tratado de Petrópolis e o Congresso Nacional**. Brasília: Senado Federal. 2003.

TEÓFILO, Rodolfo. **O paroara**. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social. 1974.

VASCONCELOS, Carlos de. **Deserdados**. Rio de Janeiro: Editora Livraria Leite Ribeiro. 1922.

VERÍSSIMO, José. **Cenas da Vida Amazônica**. São Paulo: Wmfmartinsfontes. 2011